

CINEMA, EDUCAÇÃO E AFRICANIDADES NO CURTA-METRAGEM “AS AVENTURAS DE SEU EUCLIDES – PARAFUSOS (2007)”

CINEMA, EDUCATION AND AFRICANITIES IN THE SHORT FILM “AS AVENTURAS DE SEU EUCLIDES – PARAFUSOS (2007)”

CINE, EDUCACIÓN Y AFRICANIDADES EN EL CORTOMETRAJE “AS AVENTURAS DE SEU EUCLIDES – PARAFUSOS (2007)”

Wolney Nascimento Santos

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9581-1567>

E-mail: wolneyns@yahoo.com.br

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7676-7019>

E-mail: hamilcar72@academico.ufs.br

Fabio Zoboli

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5520-5773>

E-mail: zobolito@gmail.com

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo, a partir de uma análise do filme “Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)” do diretor Marcelo Roque Belarmino, tensioná-lo com debates acerca das africanidades propostos pela Lei 10639/2003 a fim de pensar uma educação decolonial. Trata-se de uma obra do cinema/audiovisual que faz parte do Cinema Negro de Bonecos do Estado de Sergipe. Este ensaio pretende aproximar o cinema com as questões do corpo negro a fim de dismantlar os pilares coloniais do racismo. A proposição do curta pretende dar centralidade à crônica narrativa dos que viveram e vivem, contribuíram e contribuem, lutaram e lutam para que suas formas de vida, concepções e filosofias de mundo sejam visibilizadas. Acredita-se que a utilização de filmes com proposição didática descolonizadora pode contribuir com a ressignificação da existência negra e por consequência, com o aniquilamento do racismo.

Palavras-chave: Educação; Cinema negro de bonecos; Africanidades; Filme “As aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)”;

ABSTRACT

This essay aims to analyze the film “As Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)” by director Marcelo Roque Belarmino and connect it to discussions on Africanities proposed by Law 10639/2003 to envision a decolonial education. This work of cinema/audiovisual is part of the Cinema Negro de Bonecos (Black Puppet Cinema) of the State of Sergipe. This essay aims to bring cinema closer to issues of the black body in order to dismantle the colonial pillars of racism. The proposition of the short film is to give centrality to the narrative chronicle of those who have lived and are still living, who have contributed and are still contributing, who have fought and are still fighting for their ways of life, conceptions and world philosophies to be made visible. It is believed that the use of films with a

decolonizing didactic proposition can contribute to the re-signification of black existence and, consequently, to the annihilation of racism.

Keywords: Education; Black puppet cinema; Africanities; Film “As aventuras de Seu Euclides - Parafusos (2007)”; Law 10639/2003.

RESUMEN

Este ensayo pretende, a partir de un análisis de la película “Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)” del director Marcelo Roque Belarmino, tensorla con los debates sobre las africanidades propuestas por la Ley 10639/2003 para pensar una educación decolonial. Es una obra cinematográfica/audiovisual que forma parte del Cine de Títeres Negros del Estado de Sergipe. Este ensayo pretende acercar el cine a las cuestiones del cuerpo negro para desmontar los pilares coloniales del racismo. La propuesta del cortometraje pretende darle centralidad a la crónica narrativa de quienes vivieron y viven, aportaron y aportan, lucharon y están luchando para que sus formas de vida, concepciones y filosofías del mundo sean visibilizadas. Se cree que el uso de películas con una propuesta didáctica descolonizadora puede contribuir al replanteamiento de la existencia negra y, en consecuencia, al aniquilamiento del racismo.

Palabras-clave: Educación; Cine de marionetas negras; Africanidades; Película “As aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)”; Ley 10639/2003.

Introdução

“No entanto, o que, infelizmente ainda se ensina em diversas escolas sob o nome de história do Brasil é a crônica patriótica da vitória dos europeus sobre os povos americanos e africanos” (Santos, 2016, p. 23).

Abrimos o texto com a epígrafe de Joel Rufino dos Santos na intenção de reflexionar sobre o aniquilamento de vidas empreitado pelo projeto colonial que criou, desde o século XVI, um choque entre culturas distintas (Índios, Brancos e Negros), em diferentes níveis de desenvolvimento econômico, material, político e social. Este escrito dá centralidade ao corpo negro, pois foi a invenção da categoria “raça” que precedeu a noção de humanidade no curso do colonialismo sofrido no Brasil. “O estatuto de humanidade empregado ao longo do processo civilizatório colonial europeu no mundo é fundamentado na destruição dos seres não brancos (Rufino, 2019, p. 9)”. Afinal, como menciona a intelectual negra Grada Kilomba:

A palavra Negro não é uma palavra neutra, mas um conceito colonial inventado durante a Expansão Europeia para designar todas/os as/os africanas/os subsaarianas/os. Ela é, portanto, um termo localizado dentro da história da escravização e da colonização, ligado a uma experiência coletiva de opressão racial, brutalidade e dor (Kilomba, 2019, p. 155-156).

Este ensaio pretende aproximar o cinema com as questões do corpo negro a fim de desmantelar os pilares coloniais do racismo. Deste modo, fizemos uma justaposição do cinema com o corpo negro e a educação através da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, seja pública ou privada da educação básica. Esta lei é parte da materialização da luta dos Movimentos Populares e do Movimento Negro Organizado, que exigiam em suas pautas a efetivação de uma política antirracista que combatesse as diversas formas de intolerância às classes empobrecidas no país. É uma lei decolonizadora que se propõe reparadora ao mesmo tempo em que reconhece e valoriza a história, cultura e identidade do negro. Não obstante, necessário considerar que são as lutas oriundas dos diversos Movimentos Negros, em escala global, que conseguiram, ao longo de todo o século XX, estabelecer as devidas tensões de superação do racismo, luta por igualdade e abolição da repressão e violência contra os povos negros.

Necessário considerar nesse movimento toda a luta Pan-africanista, oriunda da África do Sul, formulada por intelectuais e ativistas políticos que defendiam a necessidade de estabelecimento de uma “consciência negra” como forma de oposição à consciência eurocentrada e branca. Tal movimento permitiria, por choque permanente, a provocação de rupturas com as estruturas de opressão.

Esse pensar fora das estruturas de repressão, percebendo-se como humano, após séculos de desumanização, somente pode ser possível nos horizontes de uma educação decolonial e antirracista. A alteração de uma norma pedagógica, a criação de leis específicas, não produzem alteração imediata das estruturas sociais que demarcam e limitam o horizonte simbólico e o imaginário que sustenta as desigualdades sociais e as bases da opressão. Nesse sentido, não assumimos ingenuamente a crença de que podemos “acender a luz” da educação antirracista que “iluminará esse caminho de trevas da violência”. Mesmo com as leis, a alienação, o descompromisso, o imobilismo e a própria falta de preparo pedagógico limitam a ação docente. Munanga (2005) reflete o quanto os preconceitos introjetados, por décadas de uma formação racista, impede o professor de

mediar os conflitos raciais, perceber as brechas possíveis para estabelecer diálogos que oportunizem reconhecer a diversidade cultural e as múltiplas identidades que demarcam um país plural como o Brasil.

Nilma Marcelino Gomes (2003) intui a partir de dados da realidade concreta analisada em suas pesquisas, o quanto as ações de preconceitos impactam violentamente os alunos e as alunas, assim como são minimizadas pela falta de preparo docente em combatê-las e problematizá-las:

As experiências de preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito. Mesmo depois de adultos, quando adquirem maturidade e consciência racial que lhes permitem superar a introjeção do preconceito, as marcas do racismo continuam povoando a sua memória. A ausência da discussão sobre essas questões, tanto na formação dos professores quanto nas práticas desenvolvidas pelos docentes na escola básica, continua reforçando esses sentimentos e as representações negativas sobre o negro (Gomes, 2003, p. 176).

Gostaríamos de propor, por conseguinte, reflexões do uso do cinema como ferramenta para uma educação antirracista que aproxime as crianças da cultura negra, que permita às crianças negras se verem nas telas, que oportunizem o desenvolvimento de uma Consciência Negra por parte das crianças negras, além de uma sensibilização as demais acerca da pluralidade de nosso país e busca de respeito e superação de preconceitos. Para tanto, trazemos ao texto o curta-metragem “As Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)”, do arte-educador, diretor e intelectual Negro, Marcelo Roque Belarmino. Trata-se de uma obra do cinema/audiovisual que faz parte do Cinema Negro de Bonecos do Estado de Sergipe. Seu Euclides é personagem de uma trilogia feita por Marcelo Roque para contar suas aventuras. Fazem parte da trilogia os filmes: “As aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)”; “As aventuras de Seu Euclides – Chegança (2009)”; e, “As aventuras de Seu Euclides – Lambe Sujo e Caboclinhos (2012)”.

¹ O filme pode ser acessado de modo gratuito na plataforma de compartilhamento de vídeos do youtube no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Pp1ZzL4xaSQ>



Figura 1: Seu Euclides – frame do filme “As aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)”

Euclides é um idoso negro que se assemelha à figura característica do “Preto Velho”² contador de histórias que transmite conhecimentos aos mais novos de sua comunidade. No curta-metragem, o Velho Euclides conta como surgiu a manifestação popular da dança dos “Parafusos” na cidade de Lagarto/SE. Tendo como paralelo a tradição popular do folguedo, Seu Euclides narra as estratégias utilizadas pelos negros escravizados durante a fuga para os mocambos e quilombos.

Nesta obra, Marcelo Roque e o coletivo de realizadores(as) merecem destaque pelo posicionamento e conscientização política na medida em que buscaram conhecer a história de resistência dos africanos e afrodescendentes escravizados no Brasil. Através da arte lúdica do cinema – posicionando-a numa perspectiva de fruição estética, para escolas e sociedade em geral – a obra encena as estratégias de fugas dos negros dos engenhos de Sergipe para os ajuntamentos. O termo “parafusos”, que dá título ao primeiro filme da trilogia, é referência a uma estratégia de fuga utilizada pelos negros na época em que eram escravizados por seus senhores. Os negros tentavam se passar por assombrações e

² Segundo o notável estudo de João Carlos Rodrigues (2011), a figura estereotipada do “Preto Velho” está referenciada na diversidade étnica de escravizados no Brasil. Descendentes de *griots* e *akpalôs* da África Ocidental, eles têm por função manter as tradições vivas por força de suas narrativas e aprofundamentos de suas raízes ancestrais. Têm uma representação forte na umbanda e no candomblé, por representarem sabedoria, generosidade e indulgência, porém são representados na literatura, TV e cinema como coadjuvantes que traduzem conformismo à situação da população negra, diferente de outro estereótipo próprio das artes, o negro militante.

visagens, para tal, pintavam o rosto de branco e se vestiam com anáguas de roupas das senhoras de engenho. Depois de caracterizados saíam pela madrugada percorrendo as estradas fugindo, rodopiando feito parafuso.

Partimos, então, de uma crescente e contínua discussão das temáticas que permeiam as relações étnico-raciais e suas derivações, nos campos social e educacional, com a pretensão de possibilitar professores e educandos a discussão sobre as africanidades através do acesso à produção cinematográfica que versa sobre as diferentes realidades das populações africanas e afrodescendentes no Brasil e no mundo. As discussões aqui abordadas estão associadas às relações convergentes entre cinema negro e educação, debatendo as “políticas de ações afirmativas” para comunidades e povos tradicionais no Brasil, que se identificam em deter conhecimentos de um sistema próprio de organização, social, cultural, ancestral e religiosa.

Pressupomos que o cinema transcende a condição de arte e artefato cultural e, seu fazer e fruição na educação é também uma forma de contar e reescrever a história. O comprometimento político da obra de Marcelo Roque Belarmino está no modo como conta a história do negro, dos corpos escravizados que lutaram brava e estrategicamente para a construção social do país e pela própria sobrevivência. Sobre a nossa opção de eleger um filme para tensionar a lei 10639/2003 no contexto educacional, observemos o que menciona Wolney Santos (2024, p. 19), quando trata da relação cinema e educação:

Na educação, a presença do cinema junto aos conteúdos curriculares, objetiva, entre algumas possibilidades em sua utilização, que possamos fazer “travessias” (diálogos) sobre as diversas factuais da produção humana que são narradas nos fotogramas/frames dos filmes. Também, o cinema pode ser, em si, uma “escola”. Com ele, podemos aprender sua linguagem cinematográfica, argumentando, filmando (escrevendo com a luz), as reminiscências, memórias de nossos antepassados e as histórias sobre o território em que vivemos. E, a partir do cinema, explorar as inquietações e perspectivas que pensamos.

Pretendemos assim, com a obra fílmica “Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)” dar centralidade a crônica narrativa dos que viveram e vivem, contribuíram e contribuem, lutaram e lutam para que suas formas de vida, concepções e filosofias de

mundo sejam visibilizadas. E, sobretudo, conhecidas e respeitadas. Diante do acima exposto o presente ensaio tem como objetivo apresentar o filme “Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)” de Marcelo Roque Belarmino e tensionar o mesmo a partir dos debates acerca das africanidades propostos pela Lei 10639/2003 a fim de pensar uma educação decolonial.

O presente texto é recorte do resultado de parte de uma pesquisa de doutorado, defendida em 2024, com o título “A Afrocentricidade do cinema negro em Sergipe: primeiras cenas de Marcelo Roque Belarmino e Everlane Moraes” (Santos, 2024). A citada tese foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS).

A fim de lograr o objetivo deste escrito, o mesmo foi organizado a partir de outras três seções para além desta introdução onde apresentamos e recortamos o objeto de nosso ensaio. Na segunda parte do texto explanamos a trajetória do realizador Marcelo Roque Belarmino e as sutilezas do seu fazer cinematográfico. No terceiro tomo dissertamos sobre o contexto e a história do Grupo Parafusos, do qual o diretor faz o filme que suspendemos para análise. Ainda nesta parte do ensaio tensionamos elementos a partir da obra fílmica para debater acerca das africanidades. Na quinta e última parte do escrito, tecemos nossas considerações finais.

Marcelo Roque Belarmino: Um idealizador do cinema negro sergipano

Marcelo Roque Belarmino nasceu em Maceió, estado de Alagoas, em 1968. Em 1973, ainda criança, veio morar em Aracaju/S. Em 1990, inicia sua trajetória atuando na área de publicidade, na Direção de Arte, na “Mídia Publicidade Produções e Promoções Ltda”, quando teve o primeiro contato com o audiovisual, trabalhando na produção de comerciais. Em 1991, prestou concurso público estadual e, em 14 de março, passou a trabalhar nos Serviços Gráficos de Sergipe – Segrase (Editora do Diário Oficial do Estado de Sergipe). Em 1997, ingressou na Universidade Federal de Sergipe – UFS, para cursar Arte-educação (hoje, Artes Visuais). Formou-se em 2002 e, nesse mesmo ano, ingressou na

Secretaria Municipal da Educação – SEMED/Aracaju mediante concurso público, passando a lecionar a disciplina Arte.

Durante sua formação acadêmica conheceu professores e pessoas que empreenderam uma reflexão sobre a prática de cinema em Sergipe: acreditavam que um dos pilares fundamentais do estudo de cinema em Sergipe passava pela estruturação dos processos de formação continuada. Defenderam e promoveram a criação de cursos de 20 horas, que foram ministrados por diretores do cinema nacional, por meio do projeto denominado “Plano Geral”, que foi realizado pelo Fantomas, Sated e Lei de Incentivo à Cultura Municipal de Aracaju e por empresas incentivadoras e apoiadoras estabelecidas em Sergipe. Em evidência, os cursos que Marcelo Roque concluiu e seus respectivos tutores: *A Produção Cinematográfica* – Moema Müller; *O Roteiro Cinematográfico* – Jorge Furtado; *Princípios da Montagem Cinematográfica* – Giba Assis Brasil; *Direção Cinematográfica* – Carlos Reichenbach; *Fotografia para Cinema* – César Elias. Esses cursos foram determinantes para que ele iniciasse no cinema.

No início dos anos 2000, já conciso das ideias do que queria filmar, começa a produzir seus primeiros filmes experimentais: *A Paquera* e *Quebra Cabeça*. Em 2007 começou a filmar a trilogia *As Aventuras de Seu Euclides*, com o primeiro episódio **Parafusos**, que faz homenagem ao Grupo de tradição Parafusos da cidade de Lagarto/SE. Em conversa, no dia 05 de outubro de 2019, Marcelo Roque Belarmino nos contou, em detalhes, como surgiram as primeiras ideias que conduziram o fazer do roteiro do filme, na época contemplado no Edital Programa BNB de Cultura:

Em 2007, fui à casa de Anselmo Seixas – que era amigo meu das antigas. Anselmo é bonequeiro, e eu tinha feito um curso de Roteiro Cinematográfico com Jorge Furtado e outros cursos. A gente conversou muito! Tivemos a ideia de fazer a união entre os bonecos e o audiovisual. Escolhemos os Parafusos por ser um folguedo originário de Sergipe. Tivemos uma ideia de fazer um boneco! Paralelo a isso, ficamos sabendo que tinha o Edital do BNB de Cultura. Escrevi o projeto, e o roteiro escrevemos juntos. Mandei o projeto para o Edital do Programa BNB de Cultura. Quando saiu o resultado e os recursos, pedi a Jamson Madureira que fizesse os desenhos. Passei os desenhos para Anselmo e ele, a partir daí, construiu os bonecos (Marcelo Roque Belarmino, 2019).

Quando perguntado: **E, como era o projeto? O projeto já era As Aventuras do Seu Euclides?** Marcelo Roque menciona não lembrar porque colocou o nome de Seu Euclides no boneco: “Eu não me lembro do personagem, entendeu?” (Marcelo Roque Belarmino, 2019). No entanto, verbaliza que num curso de modelagem ministrado pelo Professor João Valdênio ele pegou o barro e modelou a imagem de uma lata de cerveja amassada. A imagem ficou parecendo a boca de um velho. Então Marcelo continuou modelando até chegar à forma concreta do rosto de um velho: “Fotografei. Eu tenho a foto aí! Peguei a foto e passei para outro colega artista Jamson Madureira para fazer um desenho” (Marcelo Roque Belarmino, 2019). A foto e o desenho do velho, feito por Madureira, foi passada para Anselmo Seixas que então desenvolveu o boneco “Seu Euclides”. Desse modo, encaminharam o projeto com o título “As Histórias de Seu Euclides”. Porém, depois foi alterado para “As Aventuras de Seu Euclides”. “Inclusive foi até uma sorte, uma coisa boa! Por que tem o Euclides, aqui, do Guerreiro Treme Terra, lá da Caixa D’água, no bairro Cirurgia” (Marcelo Roque Belarmino, 2019).

Então, no primeiro momento, não foi essa a intencionalidade de homenagear Mestre Euclides?

Não, não. Não lembro o porquê. Foi coisa assim, precisava do nome do personagem e me lembrei do Seu Euclides. Foi coincidência, ou vai ver que estava na minha mente sem perceber (Marcelo Roque Belarmino, 2019).

Sobre essa questão, inferimos que, certamente, a imagem formada a partir da lata amassada, junto com o desenho/esboço feito do rosto do velho, acionou o pensamento e a memória conservados para reencontrar a imagem e as reminiscências, originando a representação do Mestre Euclides, que, na lembrança coletiva da nossa geração, era personalidade viva da cultura de tradição.

Em relação ao roteiro, trata-se de filme curta-metragem, com forma estética no cinema de bonecos e formas animadas. A inspiração veio do seriado *Cocoricó*, da TV Cultura de São Paulo, que lhes inspirou para a criação dessa linha com bonecos e, logo depois, o teatro do *designer* e manipulador Jim Henson: criador do Teatro dos *Muppets*, *Vila Sésamo*, *Muppets Babies*, sucesso nas séries e especiais, na televisão e no cinema. Esse tipo de teatro fez do seu criador, Henson, notável no assunto. No caso da trilogia de Marcelo, seus personagens são bonecos, animais e objetos que ganham mecanismos para se movimentar. Entretanto, o pano de fundo das histórias são as manifestações folclóricas de Sergipe, tendo a *mise-en-scène* numa representação alegórica da festa popular.

hoje em dia, eu sei que é Jim Henson. Mas, naquela época, eu não sabia quem ele era. Nem conhecia a história dele. Depois percebi que a base dos meus filmes vinha dos Muppets. Veio desse cara: Henson. É uma categoria específica, nem é teatro de bonecos, nem é animação! Para mim, hoje em dia, eu considero como uma categoria específica: filme de bonecos manipulados (Marcelo Roque Belarmino, 2019).

Essa categoria de filme e/ou cinema de bonecos pode talvez responder sobre a produção de Marcelo Roque Belarmino, de 2007 a 2012: um cinema negro de bonecos e de formas animadas. Por que não é teatro? No teatro, a ação dramática é contínua, diante da plateia. Não podemos dizer que é um cinema de animação, por conta do princípio do movimento na animação, que é o quadro a quadro. É cinema de bonecos manipulados, e a história está estruturada numa narrativa cinematográfica. É Cinema Negro, porque seu realizador é negro e se reconhece negro. Também, parte de sua equipe é negra. É Cinema Negro, porque conta a história das reminiscências das etnias negras do Brasil. O personagem principal, Seu Euclides, é um velho negro sergipano do interior que conta as histórias dos escravos e dos afrodescendentes. O filme, além de contar a representação da manifestação folclórica, se propõe, com a estrutura estética do cinema de bonecos, aproximar crianças e adultos, por meio da representação lúdica e poética dos materiais, objetos, roupas e cenários, que apontam vida – numa forma concreta de cinema, na qual atores, animais e coisas são reinventados.

Nesse aspecto é fundamental pensarmos o quanto o cinema nacional tem tensionado, nas últimas décadas, com a dominância de cineastas, produtores, técnicos e intérpretes brancos nas telas que se traduz em uma monocromia cinemática. Na contramão dessa dominância cineastas como Zózimo Bulbul, Adélia Sampaio, Gabriel Martins, Jeferson De, Everlane Moraes e Marcelo Roque Belarmino tem produzido um cinema negro que proporciona o desenvolvimento de uma consciência negra que, todavia, precisa extrapolar os nichos e adentrar o campo social de maneira mais abrangente, o que a escola pode se transfigurar como trincheira fundamental.

Resta ter clareza que não é possível ser ingênuo que a produção cultural de cineastas negras e negros, bem como a inclusão essa produção no ambiente escolar alterará de

imediatamente, o racismo entranhado na sociedade brasileira. Todavia, essa tensão precisa ser estabelecida. Conforme atesta Stam (2008, p. 500),

O desafio agora é avançar para além da mera inclusão de representantes individuais dos diversos grupos, ir além até mesmo da preocupação com imagens positivas e negativas para apresentar as perspectivas das diversas comunidades de encenar os choques e harmonias polifônicas da diversidade cultural brasileira. Uma verdadeira polifonia cinemática só emergirá, provavelmente, com o advento de uma verdadeira igualdade política e econômica e da reciprocidade cultural entre as diversas comunidades.

Os parafusos de Seu Euclides transbordam essa dimensão polifônica pelos sons da natureza, o sotaque do preto velho, os diálogos fantasiosos com os animais, os relatos de medo da violência e propostas de resistência dos escravizados. Criar vias de diálogos possíveis passa por apresentar esse tipo de cinematografia às crianças na escola em uma perspectiva de formação decolonial e antirracista.

Desparafusando o colonialismo: sobre o surgimento do grupo “Parafusos” ao filme de Marcelo Roque Belarmino

*Quem quiser ver o bonito
Saia fora e venha ver
Venha ver os parafusos
A torcer a distorcer...³*

O grupo de tradição folclórica Parafusos é genuíno da cidade de Lagarto, que está localizada na região centro sul do estado de Sergipe, a 90 km da capital Aracaju. A economia da cidade de Lagarto tem um antecedente definido ainda quando era uma Vila. Caracterizada pela pecuária – com a criação de gado – e a agricultura – com o plantio da cana-de-açúcar, o cultivo do algodão e a lavoura de subsistência – tudo isso por meio da mão-de-obra escrava.

Após este período, já com a extinção do tráfico negreiro, por conta da Lei Eusébio de Queiroz em 1850, passa a ser intenso o fluxo do comércio de escravos entre as províncias, considerando que em Sergipe era propício o comércio de escravos, destacando-se as

³ Canto de abertura da apresentação do Grupo Parafusos da cidade de Lagarto/SE.

figuras dos mercadores e a participação das companhias de negociação que mediavam os negócios para o comprador de cativos. Isso se dava em ação contrária as leis vigentes, por meio do contrabando, fraudes e ilicitudes de vários teores (Figueiredo, 1977).

A mão-de-obra escrava atendia aos 34 engenhos em atividade na região (Figueiredo, 1977), através da pecuária, agricultura e na produção açucareira e seus derivados em Lagarto. No entanto, o sistema escravista atuava através dos senhores e donos de escravos com extrema violência, por meio de punições e castigos aos corpos negros. No Brasil, diante das condições existenciais e históricas, quando se fala em corpos negros escravizados, não se pode ter pudor para discutir a violência. Afinal, desde que “fomos descobertos” os negros serviram como peças da engrenagem do maquinário capitalista colonizador. A Europa enriqueceu sob a força do lombo do negro, sob o sangue derramado pelo corpo negro escravizado (Rufino, 2019).

A Europa edificou-se à base da subordinação, humilhação e dependência da América Latina e África. Enquanto a modernidade alumiu para os europeus contratos de organização da vida social, aos seres destituídos de estatuto ontológico, o que foi oferecido foi a vigência de contratos de subordinação. Assim, a invenção de novos seres, demanda romper os efeitos operacionais do colonialismo no que tange à formação de mentalidades, às práticas sociais e suas interações (Rufino, 2019, p. 29).

Em consequência dos maus tratos e exploração desmedida força física, os negros se organizavam entorno de diversas estratégias de resistência e luta, entre elas se destacam diversas fugas, levantes e rebeliões (Figueiredo, 1977; Moura 1987). Como consequência, para ilustrar essa questão, era comum nos jornais da época a publicação de anúncios que tratavam de fugas de escravos(as), oferecendo recompensas em dinheiro para quem trouxesse o cativo de volta. Vejamos o que diz Figueiredo (1977):

“Eles não só ofereciam recompensa, ameaçavam aqueles que escondessem ou ‘acoitassem’ escravos”.

Há anúncios assim: ‘fugiu um escravo, 22 anos, tem nas costas sinais de que foi castigado. Quem trazer será gratificado [...] Aracaju, 17/11/1873, Manoel Sotero de Menezes.

O *Jornal de Aracaju* anuncia em 16/10/1875: “Candido do Prado pinto continua a comprar escravos de ambos os sexos”.

[...] e em 13/6/1877: “Francisco Barbosa de Andrade compra escravos de ambos os sexos e paga mais do que outro qualquer comprador”.

As constantes fugas dos engenhos e as rebeliões por enquanto não prejudicavam os negócios do mercado com o pagamento de vários tributos legais de compra e venda de escravos(as), em função da dinâmica e capilaridade do comércio escravo nas províncias. Por outro lado, foi o contrabando e o aluguel da mão-de-obra escrava, junto a sonegação tributária que se propagou como uma extensão do próprio comércio que veio a gerar conflito entre o poder público e os negociantes e donos de escravos.

É nesse contexto, que se constitui a presença dos negros em Lagarto quando surge o folgado popular “Parafusos”. Parafusos é uma alusão a estratégia resistente de fuga para os mocambos e para os Quilombos. Segundo Clovis Moura (1987, 1981), os Quilombos foram as maiores resistências ao sistema escravista. Quanto mais o escravismo se disseminava entre os distintos lugares do Brasil, como uma efetiva forma de sociedade. Os Quilombos apresentaram o encontro e ajuntamento de negros(as) que lutaram resistentemente pela negação desse tipo de sociedade. Criando uma outra, a partir da construção de liberdades. Organizando-se a começar pelas formas africanas e com fortes valores do cristianismo sincrético, instituindo governo, religião, propriedade, família e atuando ativamente na economia local. Palmares foi o maior exemplo dessa experiência libertadora! Sobre a origem do Grupo Parafusos, segundo a Professora Aglâe Fontes de Alencar (1998):


A dança do parafuso, surgiu entre os negros nos engenhos de Lagarto, no período final da escravatura. Para fugir, ao domínio dos seus senhores e tentar chegar aos Quilombos, armaram um plano: roubar o que necessitavam das fazendas, na calada da noite.

Para alcançar êxito durante as fugas os(as) negros(as), faziam o furto de mantimentos e materiais para a subsistência. E, quando necessitavam retornar para as fazendas e engenho em busca de ganhos, escolhiam o horário da noite. Durante a madrugada vestindo as roupas com detalhes de babados e as anáguas das sinhazinhas que ficam no varal quarando no sereno da noite. Desse mondo, esse saber que emana do corpo como potência de libertação pode ser visto como uma mandinga, como uma espécie de conjuro onde se apela para forças sobrenaturais para se livrar de algo que aprisiona.

A mandinga é a sapiência do corpo, é o saber que é lançado ao mundo a partir dos princípios das potências corporais. [...] Tudo que é textualizado nas mais amplas possibilidades de linguagens parte de uma experiência de saber que transita pelo corpo, enquanto agente coletivo individualizado que é (Rufino, 2019, p. 59)

Sob as circunstâncias econômicas e as influências culturais atuais, as quais derivam as manifestações populares ao esquecimento da população, o trabalho do Grupo Parafusos se apresenta como um folguedo resistente, no exercício da corporalidade de homens brincantes, vestidos de branco dançam e rodopiam como parafusos. Essa dança rememora a identidade do povo negro e as suas estratégias de fuga das fazendas e engenhos para os Quilombos.

A partir do mito fundador da história do Grupo Parafusos, o realizador Marcelo Roque Belarmino desloca o foco da narração para o personagem Seu Euclides, que, por uma alegoria cênica, conta a história estruturada em *flashback*. E assim surge o primeiro filme da trilogia de Marcelo Roque, o curta-metragem “As aventuras de seu Euclides – Parafusos (2007)”.

	Título	Parafusos
	Ano de produção	2007
	Lançamento	2007
	Dirigido por	Marcelo Roque Belarmino
	Com	Isaias Nascimento Gilvan Filho Diane Veloso Rubens Barroso Carlos Cruz
	Gênero	Cinema de Bonecos Manipulados
	Indicação etária	Livre
	Nacionalidade	Brasil
	Tempo	16 min 15 seg
Sinopse: Seu Euclides, um velho contador de histórias, conta como surgiu a manifestação popular “Parafusos” da cidade de Lagarto, no estado de Sergipe.		

Quadro 1: informações sobre a obra “Aventuras de seu Euclides – Parafusos (2007)”

O filme inicia com o design de som nos situando em um espaço bucólico, característico da zona rural brasileira. A câmera desliza em direção a um pequeno casebre de taipa e telhado de palha, ao som do canto dos passarinhos, enquanto vislumbramos o carro de boi, a peneira na parede, o pilão no terreiro, a cerca e as pequenas plantações. Quando um camaleão surge em tela comendo um inseto conclui-se a ambientação do espaço que mescla a natureza com aquele sujeito que, estendido na rede de um pequeno alpendre, revela-se um homem negro idoso, de cabelos e barbas brancas.

Seu sono é interrompido por um burro que, nesse horizonte fantasioso, fala e convoca a salvar o papagaio da casa que estaria em apuros. Com a soneca atrapalhada, Euclides reage com indignação ao afirmar que o “papagaio sabe se virar”. Quando o burro o chama de preguiçosos que vive de contar histórias inventadas, Euclides demonstra que já rodopiou muito pelo mundo e sinaliza uma possível história, o burro pede, apaixonadamente, que a conte, refletindo claramente o poder encantador de suas narrativas. O velho pode ser fantasioso, mas seduz a todos com suas narrativas.

A narrativa de Euclides se inicia com um flashback no qual reconhecemos o menino Euclides, morando em uma senzala e apavorado com uma “assombração”, que ele vislumbra e não consegue compreender. Sua mãe o tranquiliza, mas ele não compreende até lhe ser revelado que as assombrações eram escravizados em fuga, simulando fantasmas na noite para correrem aos quilombos e libertarem-se da violência da escravidão. O jovem Euclides adere àquele grupo de homens que se denominam “parafusos” a rodopiarem pelas matas, torcendo e distorcendo.

Marcelo Roque desenvolve sua narrativa fílmica a partir das reminiscências da memória de Seu Euclides. E assim, Euclides traz as imagens de menino quando vivia com seus pais na senzala, no regime da escravidão. O medo que o Euclides criança sentia diante das assombrações e visagens que assustavam as pessoas nas noites de lua cheia – na verdade, era a dança Parafusos que os negros faziam quando fugiam dos engenhos para se amolar nos canaviais e matas e depois criar os mocambos e os Quilombos. No momento da fuga, os negros brochavam o rosto de branco – tabatinga – e vestiam as

anáguas das sinhazinhas que estavam no quarador, “cobrindo todo corpo até o pescoço”. Usavam um chapéu branco em formato cone e saíam rodopiando e saltando como assombrações.

Seu Euclides é trazido ao filme como o negro que traz em si a sabedoria de seu povo, como um africano que mesmo longe da África traz consigo a pele e as dores da deportação de sua terra mãe. É como infere Asante (2009, p. 102): “Basicamente, um africano é uma pessoa que participou dos quinhentos anos de resistência à dominação europeia vivendo na África e em sua diáspora no mundo”. Desse modo, o diretor Marcelo Roque deixa transparecer na diegese fílmica de “Parafusos (2007)” a ideia afrocêntrica que segundo Mazama (2009, p. 111) diz respeito a:

[...] de que nós africanos devemos operar como agentes autoconscientes, não mais satisfeitos em ser definidos e manipulados de fora. Cada vez mais controlamos nosso destino por meio de uma autodefinição positiva e assertiva. Os critérios dessa auto definição devem ser extraídos da cultura africana.

A afrocentricidade é uma epistemologia que pensa em colocar o africano como sujeito e agente de sua própria história. Pois, como menciona Fanon (2020, p. 242) “Eu sou o meu próprio fundamento. E é indo além do dado histórico, instrumental, que inicio o ciclo da minha liberdade”. E, no caso do filme “Parafusos (2007)”, Marcelo Roque, fazendo uso de um clássico recurso cinematográfico, o *flashback*, consegue fazer com que o espectador volte no tempo. Esta volta ao passado passa pelo compartilhar do saber de Seu Euclides manifesto através da sua oralidade. Sob este viés, podemos inferir que a posição do diretor Marcelo Roque Belarmino em sua obra é afrocêntrica, pois ela “converge com os novos desafios que é desmentir a noção de sentido de uma cultura europeia universal” (Asante, 2009).

Nas noites de lua cheia, entre “os claros e escuros, as sombras das árvores mais valorizavam as vestes brancas e os comentários se multiplicavam” (Alencar, 1998, p. 194), entre um burburinho e outro, logo cedo os comentários iam tomando os lados das casas, fazendas e engenhos como uma coisa inusitada do outro mundo que veio nos visitar! Nesse

contexto, a imaginação e a fantasia popular tomava o círculo do dia. A mandinga virava fofoca e fazia medo.

Após o término da escravatura, os negros mantiveram a tradição da dança. Na cidade de Lagarto/SE, o padre José Saraiva Salomão, ao ver os negros evoluindo no entorno da igreja matriz com rodopios, torcendo e distorcendo, batizou-os de parafusos. A dança Parafusos, na mão de Marcelo Roque é transformada em filme e se soma a todo um repertório artístico decolonial que pode ser utilizado como instrumento didático para discutir africanidades.

Segundo a professora Aglaé Fontes de Alencar (1998), o padre Saraiva tinha inclinação musical e era o mestre fundador da primeira Banda de Música da cidade, a “*Euterpe Lagartense*”. Após dar o nome ao folguedo de Parafusos, ele também sugeriu que os negros suprimissem os gritos e vozaria da apresentação por músicas de estrofes simples que ele mesmo escreveu para acompanhar os giros e e rodopios. Desse modo, o Grupo Parafusos passou a ser organizado pelo Padre Saraiva e suas apresentações faziam parte da programação religiosa.

O filme “Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)” nos mostra que os corpos negros fugiram para os Quilombos. Pensando na lei 10639/2003 como balizadora de discussões é bastante oportuno interpelar no ambiente escolar os movimentos de resistências feitos estrategicamente na perspectiva de viver livre ao modo de vida do Quilombo.

A educação brasileira constrói historicamente a identidade negra sob o signo da subalternidade e desumanização. A criança negra cresce negando a si mesma como estratégia de sobrevivência ante à violência social e política que a percebe como tendente à marginalidade. Tal identidade, caminho necessário à construção de uma consciência negra, pode e deve ser problematizada na escola como estratégia fundante para elevação de autoestima das crianças negras e reconhecimento da diversidade por todas as demais crianças. Para tanto, a dimensão formativa de professores precisa ser questionada. O docente, a docente precisam se reconhecer partícipes desse processo de subjetivação de uma identidade que pode ser aceita ou negada.

Numa das cenas do curta, o diretor Marcelo Roque Belarmino incorre no erro comum de representação dos “pretos velhos” submissos ao narrar de suas recordações, quando seu pai apresenta certo agradecimento reverencial à Princesa Isabel que vai “acabar com a escravidão”, ainda que eles admitam que não podem mais esperar essa “boa notícia”. É sua mãe que, em uma representação de altivez e leitura problematizadora do mundo, retruca que os senhores de engenho não gostarão “dessa medida”!

Para além disso, a figura do pequeno Euclides com seus medos, ilusões e sonhos contrastando com a sagacidade do velho Euclides, com sua sapiência e percepção do movimento histórico, pode permitir às crianças educandas identificações reais com também seus medos, ilusões e sonhos. De igual modo, o filme torna-se uma ferramenta essencial para nos fazer imergir na narrativa do “preto velho” enquanto, pela mediação docente, refletimos sobre o processo histórico de violência da escravidão brasileira.

A arte potencializa essa problematização e, partimos desse pressuposto em diálogo com as dinâmicas curriculares e com a legislação educacional, o recurso audiovisual exprime uma estetização dos corpos e das sensibilidades dos educandos e educandas. Tomando por preceito uma educação antirracista que permita o acesso a outras formas estéticas do belo, do gosto por meio da arte, o filme de Marcelo Roque Belarmino une todas as tendências possíveis: a manipulação de bonecos, a narrativa carregada sotaques e expressões de ancestralidade, a constituição dos cenários em permanente conexão com a sonoridade da natureza e da música (diegética e não diegética).

Nessa direção, Silva (2005) entende que a escola deve oportunizar às crianças esse acesso à ancestralidade por meio da arte, assim como o acesso à história de lutas e contraponto à desumanização do povo escravizado no Brasil. As complexas simbologias ancestrais dos povos africanos escravizados têm uma riqueza e diversidade que superam os estigmas a que os povos negros foram submetidos nos últimos quatro séculos no Brasil. Para tanto, a autora entende que a escola precisa: resgatar por meio de diversas manifestações artísticas, dentre elas o cinema, a ancestralidade cultural africana; acessar essas concepções estéticas diversas; oportunizar o reconhecimento dos alunos e alunas às suas identidades, inclusive a identidade negra; por fim, reconhecer como os estereótipos de representação étnica são construídos nas diversas expressões midiáticas, inclusive a

publicidade, o cinema e a TV. Os filmes de Marcelo Roque Belarmino impulsionam essa tendência educativa permitindo sinais de identificação, problematização e construção de novas consciências, desde que expostos com uma boa mediação pedagógica.

Considerações finais

Retomando o objetivo deste ensaio que foi apresentar o filme “Aventuras de Seu Euclides – Parafusos (2007)” e tensionar o mesmo a partir dos debates acerca das africanidades propostos pela Lei 10639/2003 a fim de pensar uma educação decolonial percebe-se que se faz central a desconstrução da categoria de “raça”, pois essa foi a força motriz para a dominação europeia na América e, posteriormente no resto do mundo. Para Café (2020) não é possível entender o processo de dominação europeu que se reflete em nosso fazer pedagógico sem entender a construção da ideia de raça.

Desse modo, acredita-se que a utilização de filmes com proposição didática descolonizadora, pautada pela Lei 10.639/2003, pode contribuir com a ressignificação da existência negra e por consequência, com o aniquilamento do racismo. A Lei 10.639/2003 interpela o currículo oficial, na medida em que se propõe questionadora dos parâmetros coloniais. Ela desafia desnaturalizar conteúdos históricos disseminados na educação brasileira como representação de verdade sobre os negros, então fixada na identidade com o passado escravo ou o presente através dos estereótipos sociais que os marginalizam culturalmente. As máscaras do racismo muitas vezes fazem com que ele seja naturalizado e passe despercebido. São os resquícios das armadilhas coloniais e de sua estrutura.

Desse modo, a implosão e a superação do racismo no ambiente escolar exigem primeiramente que se reconheça a sua existência como uma postura firme na execução de ações, políticas, atividades e projetos educacionais antirracistas, papel importante dos educadores (Café, 2020). Por isso Rufino (2019, p. 11) é contundente em afirmar que “não há enfrentamento e transgressão ao colonialismo que não assuma posições contundentes e comprometidas com o combate ao cárcere racial (enclausuramento e desvio de ser) e as suas produções de injustiça cognitiva”.

A produção do primeiro filme da trilogia de Marcelo Roque tem importância diferenciada, porque inicia o trabalho de uma equipe composta por jovens intelectuais realizadores/as, técnicos/as em cinema e outros profissionais, estudantes de diversas áreas que, naquele momento histórico, estavam ajuntados coletivamente numa prática colaborativa. A Intelectual Negra e Realizadora Everlane Moraes, no filme “Parafusos (2007)”, trabalhou continuamente na função de Assistente de Direção, com Marcelo Roque.

Professores, familiares e amigos nutriam expectativas sobre o trabalho dos jovens realizadores/as. Ali nascia um coletivo de artistas audiovisuais, que, mergulhados na necessidade da prática do cinema, assumiam a responsabilidade de manter o estado de Sergipe como atuante na realização de filmes originários da região Nordeste. Destaquem-se os realizadores Marcelo Roque Belarmino, Everlane Moraes, Moema Pascoini e Diane Veloso, que despontavam no trabalho autoral no cinema.

Em termos estéticos, no que tange a sétima arte, o filme é uma oportunidade para conversar sobre a linguagem cinematográfica: o formato em curta-metragem; o gênero de suspense no cinema; o cinema com atuação de bonecos manipulados por atores.

No ambiente escolar é emergente a inserção de outras gramáticas – como a cinematográfica visual aqui apresentada – para interpelar questões que tensionem a dimensão política de defesa da vida em sua diversidade (Rufino, 2019). O filme aqui analisado e exposto evoca a produção de um conhecimento que se contrapõe politicamente à história única contada sob o ponto de vista da colonização e do colonizador sobre o colonizado.

Talvez precisemos considerar que o cinema (ou pelo menos, o audiovisual em acepção mais ampla possível) tenha sido o grande “pedagogo” do século XX. Toda a formação de um ideário eurocentrado, branco, heteronormativo, por conseguinte racista, misógino e homofóbico foi construída por anos de narrativa clássica em moldes hollywoodianos. Dificilmente as crianças negras viam pessoas negras em situação diferente de escravizadas, marginais, violentas ou violentadas. Nesse sentido, o cinema nos educou historicamente a compreender a opressão racista como uma norma social,

imputando às crianças e jovens um modelo de subalternidade limitante da construção de uma identidade negra autônoma e altiva.

Isto posto, é preciso tensionar com esse movimento apresentando cineastas e artistas negras e negros que têm trabalhado na contracorrente, tem apontado direções para que as crianças e jovens se percebam em sua negritude insurgente. De igual modo, o trabalho educacional com o cinema permite também a percepção de uma branquitude que reconhece seus privilégios, mas não os toma como norma e propõe superá-los como meio de uma convivência plural, diversa, emancipatória e democrática para todas e todos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **Danças e Folguedos: Iniciação ao folclore sergipano**. Aracaju – Secretaria de Estado da Educação do Desporto e Lazer. 1998.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In.: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAFÉ, Lucas Santos. Racismo, colonialidade e descolonização do currículo formal: duas experiências no chão da escola e a fuga de uma história única. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.104197>

FANON, Frantz. **Pele negra: máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora. 2020

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **O negro e a violência do branco - o negro em Sergipe**. Rio de Janeiro: J. Álvaro, 1977.

GOMES, Nilma Marcelino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. In.: NASCIMENTO, Elisa

Larkin. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MOURA. Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. **Os Quilombos e a Rebelião Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. 2º ed. - São Paulo: Global, 2016.

SANTOS, Wolney Nascimento. **As Aventuras de Seu Euclides (2007): um cinema negro de bonecos**. Revista Cumbuca. Aracaju – Sergipe, Ano VII, 2020.

SANTOS, Wolney Nascimento. **A Afrocentricidade do cinema negro em Sergipe: primeiras cenas de Marcelo Roque Belarmino e Everlane Moraes**. 2024. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED, da Universidade Federal de Sergipe-UFS. São Cristóvão/SE, 2024.

SILVA, Maria José Lopes da. As artes e a diversidade étnico-cultural na escola básica. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005. P. 125-142.

STAM, Robert. **Multiculturalismo tropical: uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiros**. São Paulo: Edusp, 2008.

INTERNET

PREFEITURA DE LAGARTO/SE

Disponível em: <https://lagarto.se.gov.br>

Acesso: 31. Out. 2024

GRUPO MARATÁ

Disponível em: <https://marata.com.br/empresa/>

Acesso: 31. Out. 2024

ENTREVISTA

BELARMINO, M.R. **Marcelo Roque Belarmino**. Depoimento [outubro. 2019]. Entrevistador: Wolney Nascimento Santos. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe. 1 arquivo mp3. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a trilogia As Aventuras de Seu Euclides.

FILME ANALISADO

MARCELO ROQUE BELARMINO

AS AVENTIRAS DE SEU EUCLIDES - PARAFUSOS - Filme: Direção de Marcelo Roque Belarmino. Brasil, 2007. 1 DVD (16')

NOTA SOBRE AUTORIA

Todos os autores tiveram contribuição na elaboração do texto.

Recebido em:19/11/2024
Parecer em:17/04/2025
Aprovado em:20/05/2025